Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, (m. forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem).... | 4$000 | 2$000 | —$— | —$— |
| Extrang. (união geral dos correios) | 5$000 | 2$500 | —$— | —$— |

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 888

30 DE AGOSTO DE 1903

**Redacção — Atelier de gravura — Administração**

*Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4*

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.


DR. JOÃO JACINTHO DA SILVA CORREIA

## CHRONICA OCCIDENTAL

A cidade de Lagos, que esteve em festa, animada por uma população fluctuante, maior que a de algumas capitaes, voltou ao seu viver pacato de terra de provincia.

Abandonaram sua bahia os grandes navios, os crusadores, os avisos, os destroyers e os torpedeiros da esquadra ingleza, cujos exercicios foram o grande assumpto d'este fim do mez em todo o mundo.

Nunca, talvez, assim se houvesse reunido tamanha esquadra, e todos os que, no mar do Algarve, assistiram ao alarde de força agora feito pela Inglaterra, confessam que foram dos mais bellos e imponentes espectaculos os exercicios realisados.

Cento e tantos vasos de guerra manobraram com extraordinaria precisão, toda essa força colossal de monstros obedecendo ao mandado de um só homem, mais poderoso do que eram nos contos phantasticos os possuidores de talismans.

Dos resultados d'estes exercicios muito se falou, mas, claro é, que os mais importantes os calaram os almirantes comsigo, pois que á Inglaterra particularmente interessam.

Proximo d'aquella bahia, avançando por aquelle mesmo oceano de tão intenso azul, fica o extremo occidental de toda a Europa, o famoso na historia dos descobrimentos, cabo de S. Vicente. Ali fica Sagres, onde, segundo a historia, foi pelo Infante D. Henrique fundada a escola de navegação.

Não o ignoravam decerto os inglezes e mais do que um, dobrando o cabo, pensaria reverentemente no filho de D. João I, que o era tambem d'uma ingleza, D. Filippa de Lencastre.

D'ali partiram os primeiros navegadores, ali trouxeram ao Infante novas das terras que iam, á custa de muitas vidas, descobrindo para o sul, ao longo da costa africana. Ia-se fazendo a luz sobre a lenda do Mar das Trevas.

Impera hoje a Inglaterra sobre tão grandes extensões do mundo, que assombra a todos seu poder. As manchas vermelhas accumulam-se nas cartas geographicas de todo o mundo, na Europa, na Asia, na Africa do norte a sul, na America e por quasi toda a Oceania.

Mas grande parte d'esse mundo quem ao resto do mundo o revelou foi a audacia dos portuguezes, foi o genio de um homem que se chamou o Infante D. Henrique e tinha por divisa: «Talante de bem fazer.»

Quanta vez, do alto d'aquelle rochedo, contemplaria elle o mar, horas e horas, talvez alguma hora arrependido da crueldade de seu coração que atirava para o desconhecido aquelles a quem mais queria. Sonhara com o engrandecimento da patria, mal suppondo decerto de quão pequena duração havia de ser a gloria de Portugal.

Hoje, outros gosam do que foi trabalho dos nossos velhos marinheiros, para outros arrostaram elles contra o mar encapellado, a fereza dos povos e as doenças. Mas a grande gloria ainda é nossa, e, não fossem maus sestros, ainda no que fomos encontrariamos a razão de ser de uma futura gloriosa existencia.

Mais cedo do que alguns suppunham, deram os inglezes por findos seus exercicios e logo as esquadras caminharam, cada qual para seu destino.

Diz-se que o motivo porque parte do programma se não realisou, foi devido ás noticias que vieram da insurreição na Macedonia, que, como sempre em todas as questões no oriente, renovou as ambições das grandes potencias.

Para demonstração de sua força não precisava a Inglaterra de enviar ao Mar Negro toda a poderosa esquadra que estes dias esteve sulcando o mar do Algarve, e tanto assim que parte d'ella, vinte e dois navios de guerra, deram quinta feira entrada no porto de Lisboa.

Aqui vêm, incumbidos de agradecer a permissão que lhes concedeu Portugal para se abrigarem no porto de Lagos e d'elle fazerem base de suas manobras.

E' a maior esquadra que nos tem visitado e foram espectaculos soberbos sua entrada e sahida.

O navio chefe da esquadra era o *Revange*, commandado pelo vice-almirante, sir Arthur Wilson. Couraçado de 1.ª classe, deslocando 14 mil toneladas, com 114 metros de comprimento, 22 de bocca e 8 de calado d'agua. As machinas são da força de 13 mil cavallos. O armamento compõe-se de 42 boccas de fogo de differentes calibres, 8 metralhadoras, 2 peças de campanha e 7 lança-torpedos.

No mesmo dia em que a esquadra chegou, foi offerecido na sala do risco do arsenal um grande banquete á officialidade ingleza. Foram cento e quatorze os officiaes inglezes convidados, motivo porque foram os outros convites reduzidos a menor numero do que os feitos por occasião da visita ao Tejo da esquadra americana.

A sala, escada e corredores, illuminados por perto de setecentas lampadas electricas, foram ornamentados sob a direcção do capitão de fragata, sr. Hypacio de Brion.

No dia seguinte, realisou-se o almoço offerecido por el-rei ao vice-almirante Wilson no Paço da Pena.

Pouco a esquadra se demorou entre nós, tendo levantado ferro no sabbado ás quatro horas da tarde.

Como atraz dissémos, parte da esquadra dirigiu-se para o Oriente, onde a Inglaterra deseja mostrar sua bandeira, agora que, outra vez, se reaccende a velha questão, motivada pela justa insurreição dos macedonios contra a tyrania turca.

Outra vez se fala em guerras na Europa e do seu equilibrio politico, se fala do perigo que a Inglaterra padeceria se a Russia se apoderasse de Constantinopla e se debatem os interesses das grandes nações como França, a Italia e a Austria, mais que todas interessada em qualquer movimento nos paizes que lhe ficam mais vizinhos.

Poderá tudo terminar estreitando-se ainda a faxa do terreno sob o governo do sultão, que já viu tornarem-se independentes a Roumania, a Servia e o Montenegro e cujo poder é hoje quasi nullo no Egypto.

Andam os seculos e tanto se falla da paz universal, para quê? A realisação do sonho parece cada vez mais longe.

Paz temol-a nós tido agora, paz geral, que nem o thermometro requer outra coisa.

O socego de Lisboa parece ter sido feito ex-

pressamente para os phisosophos meditarem á sua vontade nos desertos da Avenida e do Chiado.

S. Paulo primeiro eremita, se agora vivesse, escolheria Lisboa para se entregar sem distracções humanas, á contemplação. Não ha nada mais quieto, nada mais solitario. O mercurio roçando pelo vidro e marcando mais de 30 graus á sombra, seria o unico ruido perceptivel n'estes dias de fim de agosto.

Lisboa atirou para fóra de suas muralhas a maior parte dos seus habitantes, por quantas vias lhe tem aberto a civilisação, comboios, vapores, electricos, piratas e tipoias.

Tudo se foi, e se de vida ainda alguma vez se fala, é preciso procural-a agora por esses arredores, nos cirios da Outra Banda ou em Bellas nos festejos do Senhor da Serra. Ahi, sim, ainda ha vida e alegria. Volta a gente de lá, para descançar uns instantes no grande socego da cidade.

As thermas chegaram agora ao cumulo da animação, e as praias já se vão preparando para receber brevemente os seus costumados visitantes.

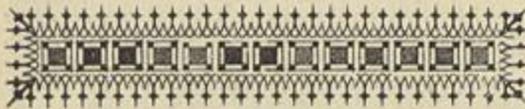
Abrem-se os casinos e já os sextettos afinam os seus instrumentos.

Os batoteiros, mais uma vez este anno, se queixam das ordens barbaras do sr. Hintze que os não deixa como d'antes encher os ventres á custa da estupidez alheia. O caso continua a debater-se e os mesmos argumentos reapparecem insistentemente, apesar do olho aberto do sr. juiz Veiga.

Pino do verão, poucas noticias ha. Até madame Humbert perdeu de todo o interesse, a não ser que o ultimo capitulo publicado ainda não seja o final do romance.

Foi um drama? Foi uma comedia que se representou? Ninguem o sabe ao certo. Notas alegres não lhe faltaram. Assim eu pudesse com ellas acabar hoje esta chronica, em vez de ter de falar da perda d'um amigo velho da redacção d'esta Revista.

No dia 24 falleceu em Lisboa o antigo administrador do *Occidente*, o coronel Francisco Antonio das Mercês, sub-chefe da 6.ª repartição do Ministerio da Guerra, espelho dos homens de bem e que deixou saudades a quantos o conheceram.

*João da Camara*

## AS NOSSAS GRAVURAS

### DR. JOÃO JACINTHO DA SILVA CORREIA

No dia 30 de julho o curso do 5.º anno de medicina da Universidade de Coimbra realisava por sua iniciativa uma brilhante festa em homenagem ao sr. dr. João Jacintho da Silva Correia, esse nome consagrado na sciencia e glorificado pelo respeito e consideração social.

Não poude n'essa data o Occidente acompanhar as manifestações justas dos distinctos academicos, mas esperou a primeira opportunidade para demonstrar por sua vez o grau de consideração e respeitosa sympathia, que tem pelo sabio professor.

O sr. dr. João Jacintho é alem d'um clinico insigne um nome justamente reputado em todo o paiz.

Como homem é um caracter immaculado, dos que teem o condão de crear em cada desconhecido um admirador e em cada admirador um amigo.

Como professor a sua carreira tem sido um exemplo de austeridade e de estudo, sendo d'aquelles que mais dignamente tem sabido honrar a Universidade, honrando o magisterio superior, em que occupa logar proeminente.

A homenagem prestada pelo 5.º anno de medicina ao seu erudito lente foi o pagamento de uma divida de gratidão contrahida para com elle quando este curso estava no 3.º anno, de que S. Ex.ª era lente.

N'essa epocha havia o sr. dr. João Jacintho requerido a sua aposentação, e, não desejando os alumnos ficar privados do seu ensino, solicitaram-lhe o favor de ficar regendo a cadeira até o fim do anno, pedido a que o sr. dr. João Jacintho annuiu promptamente sem a menor demonstração de ficar contrariado.

Por esta justa insistencia dos seus discipulos se poderá calcular não só os dotes intellectuaes de que o illustre professor dispõe mas ainda aquelles que elle possue em tão subido grau, e que são a manifestação de um caracter formado nos mais subidos preceitos da cortezia.

O sr. dr. João Jacintho é natural de Benavente, onde nasceu aos 16 de junho de 1843. Matriculou-se na Universidade em 3 d'outubro de 1860; fez acto de formatura a 30 de julho de 1868 e doutorou-se aos 4 de julho de 1869, tendo sido nomeado lente substituto aos 30 de março de 1871, e jubilado por despacho de 5 de dezembro de 1901.

No longo periodo de trinta annos em que tem regido a cadeira de medicina nem um só dos seus discipulos, que teem sido centenares, deixou de o contar no numero dos seus mais abalisados professores e amigos.

Ao mesmo tempo que sabia ensinar fazendo prelecções, que eram modelos de erudição e eloquencia, os alumnos, mesmo mal preparados para a lição, ficavam logo aptos, saindo da aula sem terem compromettido a sua frequencia e com perfeito conhecimento da materia de que se tratava.

Falando das notaveis qualidades de professor de que é dotado o sr. dr. João Jacintho, n'essa brilhante apotheose que lhe foi feita na Universidade disse o sr. dr. Bernardino Machado:

— «Eu, que fiz parte d'uma das gerações novas que, durante trinta annos consecutivos, o dr. João Jacintho da Silva Correia, com inalteravel prestança e ternura, esteve beneficiando, dentro da aula com o seu amoravel ensino, tam avisado, fortificante e puro na doutrina como primoroso e cortez na forma, e cá fóra com os mais compassivos cuidados, medico do corpo e medico da alma, eu venho, como antigo estudante, associar-me enthusiasticamente aos meus jovens camaradas, os briosos quintanistas da Faculdade de Medicina, para dar tambem ao illustre clinico e bemfeitor o meu voto de saudação e fiel reconhecimento.»

A homenahem prestada ao sr. dr. João Jacintho em Coimbra consistiu na sessão solemne, presidida pelo reitor da Universidade, na sala dos capellos; inauguração do retrato de S. Ex.ª, substituição do nome da rua da Esperança, onde o sr. dr. João Jacintho reside ha muitos annos pelo do distincto professor; á noite organisou-se uma marcha «aux-flambeaux» pelos estudantes da faculdade de medicina e em que se encorporaram mais de 3.000 pessoas.

N'um album que os discipulos do sr. dr. João Jacintho lhe offertaram com os seus retratos havia uma placa de prata com a seguinte dedicatoria:

Ao sabio e querido Mestre
Dr. João Jacintho da Silva Correia
Homenagem dos seus discipulos do anno lectivo
de 1900-1901
Em 30 de Julho de 1903

Benavente o doce torrão que foi berço do dr. João Jacintho tambem secundou a briosa iniciativa dos quintanistas de medicina.

N'aquelle mesmo dia na sala das sessões da Camara realisou-se uma sessão solemne em que oraram brilhantemente os srs. drs. Balthasar de Brito e Illydio Moura. Presidiu á sessão o illustre presidente da Camara e assistiram ao acto tudo que de mais illustre tem Benavente.

Lá, como em Coimbra, a justiça feita aos talentos do sr. dr. João Jacintho, aos seus dotes de caracter, á sua grandeza de alma, ao seu tracto affavel, á sua modestia e á sua bondade inexcedivel, foi completa. E' que quando se trata da estatura intellectual e moral d'um homem como João Jacintho, nem uma só opinião é discordante e variada.

Pela mesma bocca fallaram os illustres lentes da Universidade que o teem tido por tantos annos seu companheiro no magisterio. A mesma ordem de ideias associou em Benavente os srs. dr. Balthasar de Brito e Illydio de Moura:

«As qualidades primorosas da alma nobilissima do dr. João Jacintho refulgem tão puras e brilhantes, como a luz que irradiam as facetas d'um diamante puro» — e n'essa imagem d'um feliz rasgo de oratoria com que o quintanista sr. Duarte de Oliveira, soube definir as virtudes do seu mestre, explica-se porque esse brilho é por todos admirado na mesma intensidade, produzindo em todos egual fascinação

Effectivamente a alma do sr. dr. João Jacintho é um diamante e dos de melhor quilate.

### AS MANOBRAS DAS ESQUADRAS INGLEZAS EM LAGOS

Constituiu um dos acontecimentos maios sensacionaes pelo que tiveram de espectaculosas e imprevistas, as manobras das esquadras inglezas na bahia de Lagos.

Mais de 8.000 forasteiros accudiram a presencear o imponente *mise-en-scene* naval, sendo explendido o aspecto da bahia e grande a animação da cidade.

Os hoteis estavam cheios e muitas casas particulares pediam pelos aposentos que consentiam em ceder, 3.000 e 4.000 réis por dia.

No dia 11 chegava á bahia de Lagos o *yacht* real *D. Amelia* conduzindo a seu bordo Sua Magestade El-Rei.

No dia 16 chegava Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia, acompanhada pelo sr. Conde de Paço Vieira, ministro das obras publicas, estando já ali ha dias o sr. Infante D. Affonso.

As manobras das esquadras inglezas, que desde o dia 5 do corrente faziam as suas evoluções no Atlantico, ultrapassaram toda a espectativa. Nunca se realisaram exercicios navaes em paiz algum do mundo, na area de extensão em que estas se fizeram, nem em que tomassem parte tantos navios de guerra, accrescentando o *Times*, que se a Inglaterra poude fazer uma manifestação naval de tão collossal importancia, foi necessario que Sua Magestade o Rei de Portugal concedesse licença para esses exercicios nas aguas territoriaes do seu paiz.

Em testemunho de agradecimento estão no Tejo desde o dia 27 oito cruzadores e 13 couraçados sob o commando do vice-almirante Arthur Wilson, com o proposito de cumprimentar El-Rei o Sr. D. Carlos.

No dia 12 entraram na bahia de Lagos os cruzadores inglezes *Bachante* e *Good Hope*.

No dia 15 apparecia ali a esquadra da costa de Inglaterra a que se juntaram os restantes couraçados e torpedeiros.

Todas a manobras correram com a precisão mathematica observada no programma mas o que sobretudo offereceu um espectaculo surprehendente e magestoso foi o combate das esquadras que durou bastante tempo, chegando a escurecer completamente, por espaço de tres ou quatro horas, a linha do horisonte.

As esquadras que entraram nos exercicios foram duas, uma designada no plano geral por X e outra por B, mas esta dividida em duas, B 1 e B 2. Os principaes navios d'estas esquadras são os seguintes:

Esquadra B, vice-almirante sir. A. K. Wilson. — B 1. Navios de combate: Revengo, Empress of India (Flag), Royal Oak, Royal Sovereign, Hood, Benbow, Sans Pareil. Cruzadores: Good Hope, Drake, Sutlej, Hogne, Edgar, Hawke, Dido, Venus, Melampus, Latona, Apollo, Andromache, Æolus, Medea, Medusa. — B 2. Navios de combate: Majestic, Magnificent, Mars, Jupiter, Hannibal, Prince George, Repulse, Ramillies. Cruzadores: Europa, Doris, Hermes, Minerva, Rainbow, Sappho, Prometheus.

Esquadra X, almirante sir. Compton Domvile. — Navios de combate: Bulwark, Venerable, London, Formidable, Implacable, Irresistible, Russell, Exmouth, Cæsar, Illustrious, Renown. Cruzadores: Bacchante, King Alfred, Aboukir, Powerful, Imperieuse, Diadem, Spartiate, Blake, Diana, Gladiator, Vindictive, Hermione, Naiad, Intrepid, Iphigenia, Spartan, Scylla, Pandora, Pioneer, Pyramus, Pegasus.

Os auxiliares eram compostos de grande numero de torpedeiros, *destroyers*, caça-torpedeiros, avisos, etc., formando ao todo um nucleo de perto de duzentos navios de guerra, incluindo os navios transportes.

Os vasos de guerra britannicos que entraram no simulacro de batalha começaram a preparar-se ás 8 horas e meia da manhã, levantando ferro todos elles precisamente ás 9 horas.

A' distancia os navios dividiram-se em duas esquadras seguindo uma para leste e tomando a outra rumo para oeste.

N'esta situação os navios conservaram a mesma ordem de columnas.

Pelo meio dia e meia hora, quando já a terra se perdia de vista, a esquadra do commando do almirante Compton Domville e que havia enveredado por oeste, e onde predominavam os navios pertencentes ás esquadras do Canal e Mediterraneo, defrontou-se com a do vice-almirante Wilson, e durante algum tempo as duas esquadras caminharam em linha contraria uma á outra.

A esquadra Wilson ao approximar-se a distancia conveniente, executou um movimento em linha sobre o flanco esquerdo da esquadra inimiga, então esta vendo que ia ser atacada, fez movimento de fuga, mas então os navios do commando do almirante Wilson passaram a formar uma columna, e, animados de grande velocidade,

apanharam os navios adversarios pelo flanco esquerdo.

Deu-se então o combate naval.

No dia 21 realisou-se o jantar offerecido a El-Rei a bordo do navio almirante inglez o qual terminou depois das 11 horas da noite.

Assistiram, além da comitiva, el-rei, o commandante e officiaes do «D. Amelia» e o contra-almirante Moraes e Sousa.

Ao meio do jantar, proximo das 10 horas da noite, foi lançado de bordo do navio almirante um foguete de côres e de repente, todos os navios inglezes salvaram com as baterias do lado sul.

Terminado o banquete ainda do navio almirante foram lançados dois enormissimos «bouquets» de fogos de bengala, que por espaço de dois minutos illuminaram quasi toda a bahia produzindo effeito realmente phantastico.

*
* *

Em 1693, a 28 de junho, a cidade de Lagos presenceou um espectaculo tão monumental como o que acaba de realisar-se na sua bahia.

D'aquella vez não se tratava d'um combate simulado mas sim d'um combate naval a valer entre as esquadras franceza contra a ingleza e hollandeza combinadas.

A esquadra franceza era composta de setenta e um navios de guerra, sob o commando do almirante conde de Tourville, sendo a esquadra combinada constituida por 25 vasos de guerra, commandados pelo almirante Rooke, comboiando approximadamente 400 navios mercantes que vinham de Smyrna, com ricos carregamentos e que foram aprisionados n'uma grande parte pelos francezes.

Entre 1755 e 1757 tambem houve em Lagos outro combate naval entre as esquadras franceza e ingleza, sendo esta ultima commandada pelo almirante Boscawen, que foi o vencedor.

*
* *

Os navios que compunham a esquadra de manobras custaram ao thesouro inglez 23.434:527 libras, o equivalente em moeda portugueza a réis 114.453:371$500 réis,

N'esta verba não está incluido o custo dos «destroyers» que eram em numero de vinte e quatro.

## CASA-SOLAR DE AZEVÊDO

É, sem duvida, um dos *solares* mais antigos de Portugal, pois remonta á constituição do *Senhorio de Azevêdo* no anno 900 ou 950 da era christã. É originario d'aqui o appelido de — *Azevêdo* — tão espalhado pelas casas fidalgas do paiz e tambem por algumas de Espanha. Teve o senhorio de Azevêdo o privilegio de *Couto e Honra*, ainda hoje lembrado n'uma mesa de pedra existente junto á torre medieval d'esta casa, na qual se lê a inscripção: — FORAL DA HONRA E COUTO DE AZEVÊDO.

Está situado n'um dos pontos mais ridentes do nosso Minho, —na freguezia de S. Salvador da Lama, concelho e comarca de Barcellos, outr'ora concelho de Prado.

Pertence ao ramo primogenito e principal d'esta familia, que o possue já hoje em 31.º senhorio, ostentando uma dynastia de Ricos-Homens e varões celebrados nas chronicas e livros historicos dos nossos reis.

Procedem os *Azevêdos* de D. Arnaldo de Bayam, cognominado o *Adão da Nobreza Peninsular*, no qual o conde D. Pedro no seu «Nobiliario» começa esta familia.

Na opinião do illustre genealogista José Freire de Monterroyo Mascarenhas, era D. Arnaldo bisneto de Guido o *Moço*, 27.º duque de Spoleto e 32.º conde da Toscana, na Italia. A sua ascendencia de estirpe imperial mostra-se no brazão de armas que usou D. Arnaldo, e ainda hoje usam os senhores de Azevêdo.

É *uma aguia negra em campo de oiro*, igual á do imperio romano, como se observa hoje em dia na torre da Casa de Azevêdo. (Vêr Manuel Barboza, famoso jurisconsulto, n'um tratado que fez das familias nobres d'este reino, cap. V, pag. 111).

Vem magnificamente descripto este brazão na *Copla* de João Rodrigues de Sá, senhor de Sever, alcaide-mór do Porto, progenitor da ex.ma casa de

CASA SOLAR DE AZEVEDO, FACHADA DO SUL

Abrantes, no seu *Cancioneiro*, em que trata dos principios das familias d'este reino. Diz assim:

«Aguia celestial,
«Ave, que mais alto vôa
«Sobre excellente metal,
«Da corôa imperial
«Tirada sem a corôa.
«Trouxeram da alta Allemanha
«Os de Azevêdo á Hespanha,
«Por testimunho e certeza
«Da sua grande nobreza
«E razão por que se ganha.»

D. Arnaldo herdou esta *Casa e Quintan de Azevêdo* de sua mãe D. Usenda, filha de D. Gudosindo Eris, conde de Lugo, irmã da rainha D. Elvira mulher do rei Ordonho I, de Leão, permanecendo depois sempre nesta familia, que a conserva actualmente como um verdadeiro padrão de gloria.

O primeiro que se appelidou *de Azevêdo* foi, segundo o *Livro Velho de Linhagens*, D. Godinho Viegas de Azevêdo, IV senhor de Azevêdo e Rico-Homem do tempo do conde D. Henrique.

As figuras mais illustres d'esta casa são innumeras, apparecendo nas epopeias guerreiras e conquistadoras dos nossos primeiros reis, e até antes d'elles, pois D. Gozendo Araldes, III senhor de Azevêdo, fundador da *Honra de Gozende*, Rico-Homem do rei D. Fernando *o Magno*, de Leão, governou Portugal em seu nome com o titulo de *Vigario* (Vêr D. Rodrigo da Cunha, *Catalogo dos Bispos do Porto*, pag. 187, 1.ª parte).

Salientam-se mais os seguintes vultos historicos:

— *O conde D. Mem Paes Bufion* ou *Bufinho*, VII senhor de Azevedo, Rico-Homem do tempo de D. Affonso Henriques e de D. Sancho, senhor de Estella, Povoa de Varzim e Villa do Conde, chamada até então *Villa do Crasto* e que d'elle tomou o nome. (Vêr *Benedictina Lusitana*, tomo 1.º pag. 382; Corografia Portugueza do padre Carvalho, tomo 1.º pag. 341) Acompanhou D. Affonso Henriques na tomada de Lisboa. [1]

— *D. Pedro Mendes de Azevêdo*. VIII senhor de Azevêdo, e que o conde D. Pedro diz ser o primeiro que se cognominou *de Azevêdo*.

— *D. Vasco Paes de Azevêdo*. XI senhor de Azevêdo, dos principaes fidalgos do seu tempo, Rico-Homem, e que na luta entre D. Diniz e seu filho D. Affonso, depois IV do nome, seguiu o partido d'este, como se vê em Ruy de Pina — *Chronica d'el-rei D. Diniz, cap. XX*. Encontrou-se ao lado do seu rei na memoravel batalha do *Salado*.

— *Gonçalo Vasques de Azevêdo*, XII senhor *de Azevedo* e da *Quinta de Castro ou Crasto*, em *Entre-Homem-e-Cavado*, hoje Amares (pertencente agora aos srs. condes da Figueira), que sua mãe trouxe em dote como filha de D. Rodrigo Annes de Vasconcellos, senhor de Penella. Achou-se com seu pae na batalha do *Salado* e com el-rei D. Affonso XII, de Castella, na de *Algeciras* ou *Tarifa*.

— O grande *D. Lopo Dias de Azevedo*, XIV se-

[1] Existe o seu retrato a oleo na galeria de antepassados da *Casa de Azevêdo*. O sr. dr. Pedro de Barboza de Azevêdo e Bourbon (Azevêdo), actual co-representante em 31.º senhorio da mesma casa, offereceu uma copia d'esta oleographia á municipalidade de Villa do Conde, que a collocou na salla das sessões dos paços do concelho.

CASA SOLAR DE AZEVEDO, FACHADA DO SUL E NASCENTE

O ALMIRANTE ARTHUR WILSON

nhor de Azevêdo, VI senhor da villa do Souto de Riba Homem, senhor de Terras de Bouro e Padim, I senhor de S. João de Rey, Aguiar de Penna, Jales, Reguengos de Albiche e Remolhe e outras terras, Padroeiro de S. Clemente de Basto e outras Egrejas, por mercê d'El-rei D. João I, que taes doações e mercês lhe confirmou em Melgaço em 1426. Serviu com distincto valor o seu rei, tendo sido um dos esforçados capitães de Aljubarrota em 1385, onde *foi armado cavalleiro* pelo proprio D. João I. Occupou a cadeira 60 nas *Côrtes de Coimbra*, como representante do braço da nobreza, côrtes que elegeram rei D. João, mestre de Aviz (vêr *Vida de Nun'Alvares*, de Oliveira Martins, pag. 215 e 216), e Liv. das Provas para a Historia genealogica da Casa Real, tom. 1.º Liv. 3.º pag. 347). Acompanhou o rei D. João em todas as acções guerreiras contra Castella, e apesar de idoso, com elle foi a Ceuta capitaneando um dos navios d'aquella famosa expedição (Vêr Monarquia Lusitana, parte VIII pag. 781, Chronica de D. João I de Fernão Lopes, parte I cap. 161 e 178, parte III, cap. 49), Oliveira Martins—log. cit. pag. 330).

A respeito das recompensas e mercês que este grande fidalgo obteve do rei D. João, veja-se especialmente Fernão Lopes, Chronica de D. João I, parte I, cap. 178, onde se lê:

«Outrosim deu o mestre a Lopo Dias de Aze-«vêdo todos os bens moveis e de raiz que foram «de João Affonso de Beça, assim os que lhe elle «dera por doação como quaesquer outros que ti-«vesse, e mandou poer nas cartas estas palavras:

PLANO DOS EXERCICIOS DAS ESQUADRAS INGLEZAS

«—Por quanto o dito João Affonso em vivendo comnosco, e recebendo de nós muitas mercês, nos trazia bastecido a morte e traição, como mau e desleal, e se foi pera Castella.»

Sobre o mesmo assumpto pode vêr-se o Liv. I da Chancellaria d'El-rei D. João I.

—*Martim Lopes de Azevêdo*, XV senhor de Azevêdo, VII senhor donatario da Villa do Souto, que acompanhou el-rei D. João e os infantes a Ceuta, onde foi armado cavalleiro pelo infante D. Pedro, commandou um dos navios da armada e por lá ficou muitos annos em companhia do conde D. Pedro de Menezes, seu parente.

Desafiando um mouro o mais esforçado cavalleiro de Ceuta, saíu a recebe-lo um escudeiro de Luiz Vaz da Cunha, homem de muitas forças, tendo de terminar o combate por se não poderem vencer um ao outro. Voltou no dia seguinte o mouro a desafiar outro cavalleiro e saiu-lhe ao encontro Martim Lopes de Azevêdo, que o matou á vista dos dois exercitos.

Foi um dos *Doze de Inglaterra*—lenda romanesca que inspirou a Camões magnificas estancias, e cuja possibilidade não está tão longe da verdade historica como muita gente imagina (Arnaldo Gama—*O sargento mór de Villar* pag. 8).

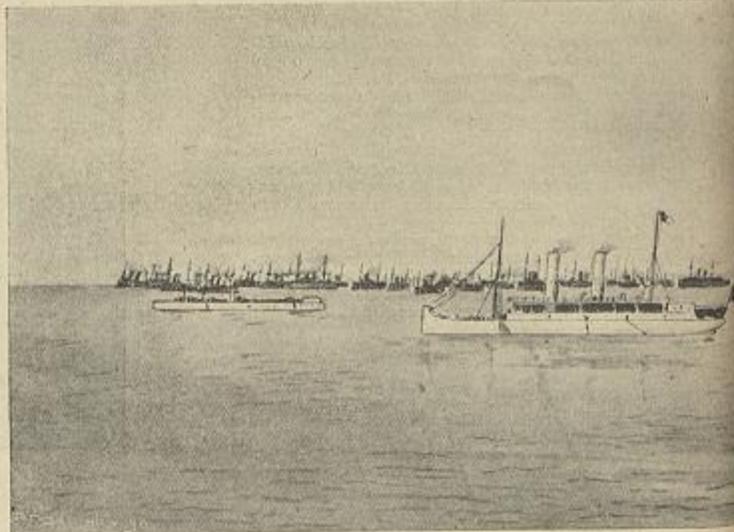
Mais tarde, pela muita fama do seu valor, foi escolhido pelos infantes D. Henrique e D. Fernando, para os acompanhar á infeliz jornada de Tanger, e depois do primeiro assalto á cidade foi morto com mais cinco fidalgos, pelejando com uma infinita multidão de mouros (*Vida do infante D. Henrique*, Liv. II pag. 119). Ahi se diz que não pareceria temeridade fiar só dos seus braços aquella conquista, se para ella só bastasse o esforco. A sua morte foi bem vingada por seu irmão Fernão Lopes de Azevêdo, D. Alvaro de Castro, Alvaro Vaz de Almada e Gonçalo Rodrigues de Souza, que indo em seu socorro fizeram nos mouros enorme destroço.

—*Diogo de Azevêdo*, XVI senhor de Azevêdo, etc., que na nova organisação que el-rei D. Affonso V deu á Sua Casa foi nomeado moço fidalgo com 1000 réis de moradia por mez (Alvará de 6 de abril de 1462).

(Continua.) *A. de Sottomayor.*

## UM LIVRO DE VIAGENS

*A caminho do polo—A expedição do duque dos Abruzzos—O «Stella Polare» —Resultados scientificos da viagem*

Tem despertado o interesse de milhares de individuos que se dedicam a excursões geographicas, o poder attingir o polo, porém, apezar de todas as tentativas, ainda não foi possivel chegar a 90.º de latitude. A grande accumulação dos gelos nas regiões polares e a falta de viveres são em geral, os factores com que sempre luctam os excursionistas d'estas regiões.



AS ESQUADRAS INGLEZAS NA BAHIA DE LAGOS

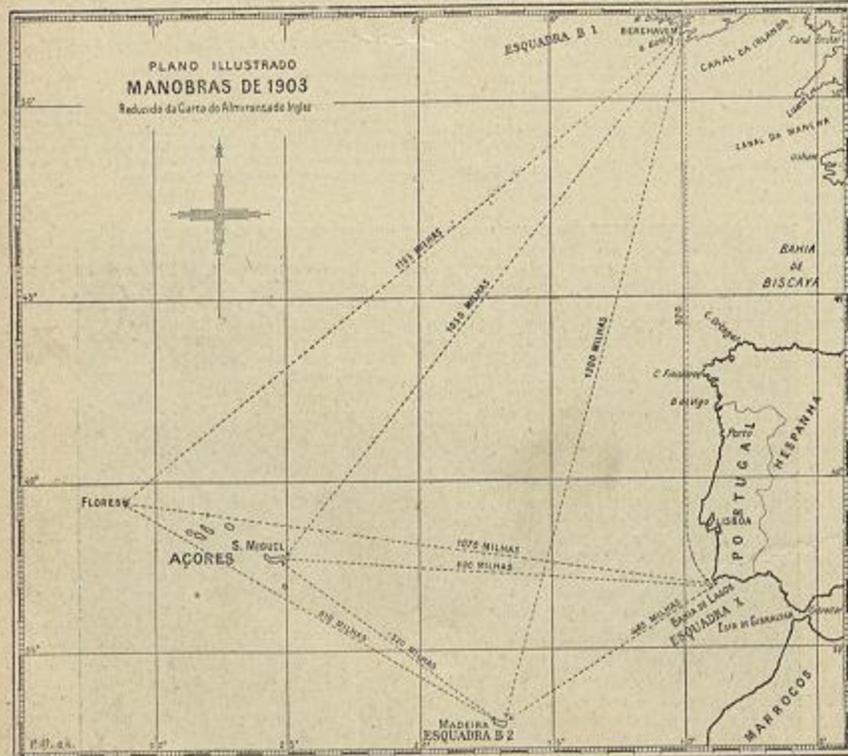
Todos os annos projectam-se expedições ás latitudes elevadas, porém estas teem sido sempre mallogradas, pois até hoje, ninguem tinha excedido o parallelo de 86.º14 de latitude Norte, sob o meridiano de 93.º E, Paris, limite maximo da viagem de Nansen. Afim de conhecer o desconhecido, o principe Luiz de Saboya, duque dos Abruzzos, intentou a viagem ás regiões articas embarcando em Christiania, em 14 de junho de 1899, no navio que mais tarde foi baptisado com o nome de *Stella Polare*.

Uma curta demora em Arkangel foi destinada ao embarque de 120 cães, com o fim de mais tarde poderem ser utilisados para serem atrellados aos trenós, unico meio de conducção de que se servem os que exploram as regiões polares, a fim de mais facilmente vencerem a resistencia dos gelos.

Apóz a indispensavel demora, o navio largou as amarras e proseguiu viagem attingindo em 21 de julho o cabo Flora, viagem effectuada nas condicções mais favoraveis.

O duque dos Abruzzos fez-se acompanhar na sua viagem pelo capitão da corveta Cagni, o tenente Querini, o doutor da armada Molinelli, quatro guias do valle d'Aosta e doze marinheiros norueguezes.

O navio continuou o seu rumo para o norte até ao cabo Fligely (lat. 82,º5 N), latitude extrema da expedição Payer. Como n'esse ponto não houvesse local algum onde se podesse permanecer durante a estação invernosa, resolveram os excursionistas, retroceder um pouco para o sul; até á bahia de Teplitz (81º,45 latitude N. e 58.º de long. E. meridional de Greenvich), onde acamparam.

Necessitando o *Stella Polare* reparações, afim

OUTRO ASPECTO DAS ESQUADRAS INGLEZAS, NA BAHIA DE LAGOS

PRINCIPE LUIZ DE SABOYA

(DUQUE DOS ABRUZZOS)

de proseguir viagem, a 200 metros da costa d'esta bahia foram armadas duas tendas uma para o duque e seus officiaes, e a segunda para a marinhagem, onde egualmente se armazenaram todos os mantimentos para a tripulação.

Aproveitando tempo, o duque começou a fazer umas pequenas excursões, na terra do principe Rodolpho. Porém, n'uma d'ellas, congelaram-se-lhe dois dedos da mão esquerda, o que deu occasião a ter que se lhe amputar as phalangetas, obrigando-o a não proseguir a viagem mais para o norte.

Em virtude d'esta circumstancia, Cagni tomou a chefia da expedição, partindo em 11 de Março de 1900 da bahia de Teplitz, acompanhado de 9 homens, 45 cães e alguns trenós.

Finalmente, em 25 de Abril, Cagni conseguiu attingir a latitude de 86.° 33 N. por 65.° E. de longitude contada sobre o meridiano de Greenvich, a maior latitude attingida pelas expedições arcticas, visto que Nansen apenas avançára até 86.° 14 N.

Como a massa de gelo fosse cada vez mais compacta, e os viveres escasseiassem, Cagni receiou proseguir viagem sob pena de perecer e fazer perecer toda a tripulação, ordenando que no dia seguinte se regressasse, de novo, á bahia de Teplitz, onde os aguardava o principe. Então, a tripulação já se achava mais reduzida, pois o tenente Querini, um dos guias e um machinista norueguez nunca mais tinham sido vistos pelo resto da expedição, prevendo-se lhes tivesse succedido qualquer desenlace fatal.

Alimentando-se exclusivamente da carne dos cães que comsigo levavam e iam matando, conseguiram Cagni e seus companheiros, chegar de novo á bahia de Teplitz, em 13 de Junho do mesmo anno, apóz uma demora de 94 dias.

Os resultados obtidos pela excursão foram: que, para o norte da terra de Francisco José se não encontrava mais região alguma, e que a terra de Petermann parece não existir, contrariamente ao que muitos exploradores affirmaram e attestando, d'esta fórma, o que Nansen previra. Como não fosse possivel, devido a grossas avarias, fazer com que o *Stella Polare* permanecesse outra estação invernosa n'aquellas regiões, a expedição regresou de novo, á capital da Noruega, onde, em 11 de Setembro de 1900, desembarcou.

O emprehendimento da viagem do duque de Abruzzos, é, de todo o modo, louvavel, pois a sua expedição foi mais além de todas as que até hoje se effectuaram, tendo sido de prevêr que tivessem attingido o porto desejado, caso se tivessem munido de todos os viveres indispensaveis á alimentação de toda a companha. Foi isso pelo menos, o que pensou Cagni, pois a unica causa que obrigou a retroceder, foi o temer que o numero de cães que levavam, não fosse sufficiente para combater a fome d'elle e de todos os seus companheiros.

Regressando á patria, o duque entregou-se ao trabalho de um interessante livro descriptivo da sua viagem, ao qual deu o nome de *La Stella Polare nel Mar Arctico*, tendo a sua obra, obtido a maxima acceitação do publico, pela curiosidade que disperta a sua leitura. N'ella, collaboraram, atém do principe, o doutor Molinelli e Cagni a quem se deve alguns dos principaes resultados obtidos na viagem que o duque emprehendeu atravez dos mares polares.

*Antonio A. O. Machado*

## O SEGREDO DE CLOTILDE

*(Continuado do n.° 887)*

III

Alfredo perplexo ante aquella scena cada vez, para elle mais mysteriosa e inexplicavel, quedou-se por alguns momentos pensativo.

Não deixou de lhe morder o ciume, mas ao mesmo tempo parecia-lhe impossivel tamanha audacia de Clotilde. Ella que tantas provas lhe dava do seu amor, que tão feliz com elle vivia, n'um suave ninho perfumado, inebriante, onde os pensamentos e vontades se uniam em uma só, como poderia agora haver segredos entre os dois.

Ah! as mulheres são tão caprichosas, tão incomprehensiveis, que toda a sabedoria dos homens ainda as não poude definir e conhecer, pensava elle philosophicamente, ainda que o momento não seria dos mais dados a philosophias.

Aquelle segredo tinha o poder do mysterioso a espicaçar-lhe a curiosidade. Era natural, e assistia-lhe o direito de exigir a sua revelação immediata, mas nem por isso ficaria sabendo a verdade se Clotilde presistisse em não lh'a dizer. E não seria ridiculo elle, por tão pouco, assumir ares de tyranno para sua mulher, tão docil, tão sua amiga que até pensava em lhe festejar os annos, alegre, despreoccupada.

Podia lá ser!

Caprichos de mulher, caprichos, concluiu elle, e sem dar mais palavra retirou-se do gabinetezinho para ir almoçar.

Pela primeira vez, depois de casado, se encontrou só á meza. Custou-lhe, mas não quiz chamar Clotilde.

Elle tambem se amuou.

Do almoço pouco se serviu, e se não fôra negocio importante que tinha a tratar, ficava em casa, recolhia-se ao quarto e a novidade decerto despertaria os cuidados de Clotilde. Não estivesse elle doente e ella logo ali para o tratar com todo o carinho, para lhe fazer mil perguntas sobre o que sentia, e até, talvez, revelar-lhe o tal segredo, não fosse isso causa do seu mal.

O negocio, porém, era de toda a urgencia, e n'aquelle dia mais ainda por ser vespera dos seus annos, para o que precisava de dinheiro e elle estava sem vintem.

Mais um rombosito no patrimonio herdado, muito proximo a afundar-se nas arcas da agiotagem.

Alfredo havia dois annos que, por morte de seu pae, entrara na posse de uns quinze contos em propriedades, cujos rendimentos se approximavam de um conto de reis; mas isso era uma gotta d'agua no Oceano da sua vida.

Cada vez tudo mais caro! Só os toiros e os theatros custavam-lhe um dinheirão. Com a modista e com o alfayate não conseguia saldar suas contas, e as despezas da casa completavam o desequilibrio financeiro, no que, emfim, não fugia a regra geral do viver de muita gente boa.

A casinha da Estephania ainda era sua, — se bem não podesse dizer o mesmo de tudo que estava dentro — e pouco mais lhe restava livre. Entretanto arranjaria um emprego, que para negocios não tinha quéda, e ainda que para a burocracia lhe faltassem habilitações, isso pouco importava para sentar-se á meza do orçamento, se tivesse bom padrinho, ou conseguisse rapar alguns centos de mil réis no já sovado patrimonio, para com elles commover o desinteressado influente que lhe arranjasse o logar de inspector ou fiscal de qualquer coisa.

Elle sabia de como isso se arranjava. Era homem do seu tempo; ia em tudo com as modas.

IV

Clotilde deixou sahir seu marido, não sem o ter espreitado, por entre o reposteiro, quando elle passou, mas Alfredo, muito propositadamente, fingiu não dar por isso, seguindo pelo corredor até á porta, sem se deter.

Clotilde mordeu levemente os labios n'um gesto de despeito, e, por sua vez, foi almoçar tambem só, era mais de meio dia.

Muito aborrecida, achou o almoço detestavel. Os ovos requentados, o bife tisnado, o chá frio.

— Que quer a minha senhora, acudiu a criada; não esperavamos hoje isto.

— Leve, leve tudo, tudo d'aqui, explodiu nervosamente Clotilde.

Ao tempo resoou a campainha da porta e passados alguns mementos, um criadinho bem mettido na sua jaqueta de botões amarellos, veiu annunciar que estava no gabinete o sr. dr. Julio Pires.

Era o primo da senhora, que ha oito dias fazia a sua visita com a regularidade escolar de quem ha pouco deixára de ouvir tocar a *Cabra* da Universidade.

Não sabemos bem se aquelle impertinente toque, com todas as exigencias que impõe ao estudante, teria tido o poder de uma pinça que um a um fosse arrancando os cabellos da cabeça do dr. Pires, ou se aquillo era resultado do sangue; mas o certo é que elle fôra para Coimbra muito bem encabellado, e, nos doze annos que por lá andou, os cabellos foram-lhe fugindo da cabeça á medida que no cerebro lhe iam entrando as sebentas. Assim o podia constatar quem o conhecesse.

Custou-lhe os cabellos da cabeça, mas conseguiu formar-se. Se ficasse por lá mais tempo viria careca de todo. Ficava mais a caracter porque não ha nada que chegue á gravidade d'uma calva para consagrar uma toga.

N'isto consumira o dr. Pires vinte e tantos annos de estudo, tendo principiado a soletrar ahi pelos dez annos, mas se os estudos o haviam envelhecido prematuramente, elle procurava por todos os modos attenuar esse estrago, cuidando com disvello do seu physico.

Quanto possivel aproveitava os poucos cabellos que lhe restavam, empastando-os com muitas banhas e cosmeticos por sobre a calva, forçadamente estendidos em pastinhas. Em compensação, resguardavam-lhe os olhos piscos umas espessas sobrancelhas cerradas sob uma testa curta, que toda a calvicie não conseguira ampliar. Para equilibrar, deixara crescer a barba muito preta e que elle, por habito inveterado constantemente cofiava com os dedos curtos e roliços das suas mãos sapudas.

Era baixo, atarracado; o que lhe faltava em altura sobrava-lhe em largura, de modo que as substancias adiposas levavam-lhe grande vantagem sobre a materia encephalica, o que explicava a difficuldade com que elle armazenara lá dentro todo o Direito Romano.

(Continúa) *Caetano Alberto.*

## NECROLOGIA

FRANCISCO ANTONIO DAS MERCÊS

Eramos approximadamente da mesma idade e muito novos nos conhecemos, — por 1862 — nas associações populares, onde por aquelles tempos, velhos e moços terçavam suas armas com o enthusiasmo e fé que dá a crença n'uma ideia.

Ahi nos fizemos amigos e com os annos mais foi augmentando a nossa amisade, que se converteu em fraterna como de bons irmãos.

Foi isto devido aos excepcionaes dotes de caracter que reconheci em Mercês, e, quando em 1877 pensei em fundar o OCCIDENTE, pensei logo em convidar este bom amigo para administrador da empresa, como aquelle em quem tinha inteira confiança. Elle acceitou, talvez com sacrificio, pois os multiplices encargos do seu emprego official, pouco tempo lhe deixava livre que não o furtasse ao descanso necessario, e eu não tive de que me arrepender, porque mais honrado e sollicito administrador não o poderia encontrar.

Por espaço de 15 annos, foi Francisco Antonio das Mercês administrador do OCCIDENTE e, com tanto acerto, zelo e probidade procedeu sempre, que, nunca creou um atricto, um descontentamento ou desacordo, não só na parte administrativa, como na redacção ou pessoal artistico.

Ainda conservo memoria da inexcedivel dedicação, zelo e actividade que Francisco Antonio das Mercês mais desenvolveu, quando, em 1884, uma doença me impossibilitou por quasi dois annos de dirigir do OCCIDENTE. Mais e mais lhe ficou devendo minha gratidão.

Trabalhou muito e a sua constituição não era das mais robustas, de modo que aos cincoenta

annos principiou a sentir-se cansado, e, n'estas circumstancias pediu dispensa do cargo, que lhe absorvia as horas de descanso.

Foi com verdadeiro sentimento que accedi ao seu pedido, dispensando o administrador embora me ficasse o amigo, mas o meu sentimento era ainda maior, porque previa a doença que o veiu a victimar.

Ao fraternal amigo de mais de 30 annos devia este tributo de gratidão e mais teria a dizer do homem e do funccionario publico se outro seu amigo, mais competente do que eu, o sr. dr. Cunha Belem, á beira da sepultura não fizesse o elogio do morto com toda a auctoridade e justiça da sua palavra eloquente e sentida.

Esse elogio, que é ao mesmo tempo uma biographia, foi-me cedido por especial fineza do sr. dr. Cunha Belem velho amigo e collaborador do Occidente, a quem reitero os meus agradecimentos.

*Caetano Alberto.*

---

Senhores! Venho, junto do modesto feretro, pagar modestamente uma grande divida de gratidão, — gratidão, que não é só pessoalmente minha, mas de toda a classe, que, como mais velho, tenho a honra de representar.

Francisco Antonio das Mercês não tinha o curso medico, não se alistára nas nossas fileiras, não vestia o nosso uniforme; e todavia ninguem mais devotado, mais amigo, mais enthusiasta teve nunca a medicina castrense portugueza.

Vivia da nossa vida, alegrava-se com as nossas felicidades, soffria com os nossos revezes, sonhava em que nos podia ser util, ia adiante de nós em todos os desejos e aspirações, e era, no fundo d'alma tão medico-militar, como todos nós.

Não que tivesse nunca a pretenção de intervir de qualquer maneira na parte clinica ou em qualquer outra scientifica da nossa missão. Era muito modesto, muito honrado de caracter e muito bom de indole, para tanto; mas perguntassem-lhe todos os meandros e requisitos da parte burocratica do serviço, desde a inspecção do recruta até á reforma do general; perguntassem-lhe todas as constituições das juntas de inspecção, qual o expediente de cada uma d'ellas, qual a sua competencia official; perguntassem-lhe tudo quanto se refere á administração hospitalar, á gerencia dos fundos dos hospitaes, ao expediente multiplo da 6.ª repartição, e o Mercês, modestamente, singelamente, sem se impôr, nem alardear conhecimentos, mostrava que sabia mais e mais seguro do que todos quantos medicos militares se desvanecem de conhecer bem o serviço.

E' que, nascido em 7 de abril de 1843, filho de um antigo e sollicito funccionario da extincta repartição de saude, de pequenino começou a viver n'aquella atmosphera, a interessar-se por aquelles assumptos, a conhecer, pelo contacto paterno e até pela assiduidade á repartição, os negocios que dentro d'ella se tratavam. E ao passo que os conhecia, ia-lhes tendo amor; e quanto mais os desvendava no seu espirito infantil, mais do fundo d'alma lhes queria.

Em 30 de junho de 1864, via realisado o seu ideal querido, o ideal de toda a sua juventude, entrando como amanuense para a repartição de saude do exercito. E quarenta annos incompletos se conservou n'ella, com a lealdade do mesmo affecto, com a dedicação da mesma inabalavel constancia!

Quarenta annos! Quantas gerações passaram, quantos homens velhos se extinguiram, quantos homens novos chegaram, quantos acontecimentos occorreram, que variedade enorme de sentimentos, de paixões, de caprichos andaram em lucta; e o Mercês sempre no seu posto, sempre leal á repartição, e o Mercês, sempre inegualavel no serviço de que se incumbia, sempre dando bons conselhos de experimentado; nas conjuncturas difficeis, sempre amigo sincero, d'estes que offerecem espontaneamente o seu prestimo, e não sabem o que é importunar os amigos!

Dotado de clara intelligencia e de feliz memoria, methodico e reflectido em todos os seus actos, o Mercês sabia tudo quanto na repartição se tinha feito desde que n'ella entrára, os processos que se tinham seguido, as deliberações dos muitos ministros que na gerencia da pasta se haviam succedido, e quando não confiava na feliz memoria dos factos, annotava os regulamentos, fazia synopse das deliberações, estabelecia pontos mnemoincos de acontecimentos e de datas, e d'esta arte sabia tudo, a tudo dava expediente, e em tudo podia dar conselhos quando lh'os pediam, e não havia chefe da repartição que não se honrasse de lh'os pedir uma e muitas vezes, e ministros houve e muito illustres que o escutaram, que o attenderam, que lhe seguiram as indicações.

Um dia, foi extincta a repartição de saude do exercito, em que Mercês já tinha a graduação de official; n'outro dia, foram incorporados os officiaes de varias corporações extinctas no quadro da administração militar, que começava a sair do cahos.

Francisco Antonio das Mercês entrou na lei geral e encontrou-se tenente da administração militar, contando-lhe a antiguidade, da data da entrada para a repartição como amanuense.

Em resultado d'esta transformação, foi promovido a capitão em 14 de agosto de 1878, a major em 8 de julho de 1885, e finalmente a tenente-coronel em 12 de março de 1891.

Mas nunca foi, mas nunca pensou ou quiz ser, senão empregado da repartição por onde corriam os negocios de saude do exercito, nem nenhum chefe o dispensava para outro serviço, porque elle era indispensavel alli.

Não irei acordar os mortos que dormem o somno eterno. Deus, se é certa a crença, os terá julgado, sem que de nada valha o julgamento dos homens.

FRANCISCO ANTONIO DAS MERCÊS
*Fallecido em 24 do corrente*

Mas, um dia, o capricho, o acinte, a convicção de direitos preteridos, fôsse o que fôsse, de um camarada, sempre considerado mais moderno que Mercês, levou-o a recorrer para o supremo tribunal administrativo sobre o que elle considerava uma preterição. Dizia-se que alvejava outro camarada e que, na sequencia dos argumentos adduzidos, envolvêra tambem o Mercês. Fôsse como fôsse, o tribunal deu provimento ao recurso, e o ministro teve de homologar a consulta.

Mercês julgou-se deshonrado, e de tal modo e tão profundamente o affectou o lance que se chegou a temer pela sua saude e vida.

E emquanto caia na maxima prostração physica e moral, o sentimento do brio, que não adormecera n'este descalabro enorme, levou-o a sacrificar tudo, todas as suas esperanças futuras, todos os projectos de, com melhor reforma, deixar melhor montepio á esposa querida; e a favor da verdadeira doença que o desgosto lhe causára, sollicitou e obteve a reforma, no mesmo posto de tenente-coronel, em 4 de maio de 1894, dando-se então o caso unico de ficar, reformado, privado de interesses futuros, a fazer exactamente o mesmo serviço que fazia na effectividade, com esperanças de promoção e de melhor reforma.

E' que o governo manteve-o no desempenho das mesmas funcções, e Mercês continuou a ser o mesmo funccionario da 6.ª repartição, o mesmo que era, havia, então, trinta annos.

Mas, se do quebramento moral de tão profundo desgosto poude convalescer com o balsamo do tempo, a sua delicada compleição physica nunca mais se levantou da prostração; e póde dizer-se, sem ultraje para a memoria de ninguem, que a doença a que hontem succumbiu, teve alli a sua origem.

Os dedicados esforços e os sabios conselhos do nosso bom e illustre collega Barros da Fonseca trouxeram-lhe consideraveis melhoras, a simular que estava convalescido e curado, principalmente quando lhe sorriu ainda a esperança de que o parlamento o attendesse na petição, para lhe ser melhorada a reforma, em attenção ao facto de ter continuado a servir como se effectivo fosse.

Mas este sorrir de esperança tambem breve se desvaneceu, e a breve trecho, a doença implacavel dava novo e mais temeroso rebate, quando elle nem já sequer fallava na pretenção tão acariciada pelo seu espirito.

O Mercês, que ainda por algum tempo fizera lembrar na repartição o Mercês antigo, ia declinando a olhos visto.

Procurou os ares do campo e os ares do campo não lhe deram allivio. Ainda vinha uma vez por semana á repartição e fazia todo o expediente; depois começou a ficar em casa, mas ainda a trabalhar assiduamente para a repartição, e assim fechou todas as contas do anno economico findo.

Mas mandou dizer que não queria mais tratar de nenhum assumpto. Era a sua sentença de morte que lavrava! Quem dera trinta e nove annos completos ao serviço da repartição, quem não pensava n'outra coisa, nem vivia para outro fim, quem tinha tido a existencia ligada á engrenagem dos negocios, só ferido para não mais se levantar, abandonava todo o seu passado, desde a juventude á velhice, desde os 21 annos aos 60 da sua edade.

Estava morto e a repartição estava viuva do seu affecto. O resto foi a agonia, com que luctaram debalde a dedicação e o saber de Moniz Tavares e de Barros da Fonseca, dois amigos dedicados e dois admiradores do caracter de escol de Francisco Antonio das Mercês, o homem de mais honesta probidade e da mais austera religião do respeito de si proprio.

Em nome da classe, que elle tanto honrou com a sua dedicação, em meu nome, pois que tantas finezas de estima e de affecto lhe devo, venho depôr esta saudade sincera sobre o ataude, que encerra os seus despojos mortaes; e se o seu espirito immortal paira livre nas regiões mysteriosas de outra existencia, sem dores nem soffrimentos, se a sua alma evolada, como ave que procura o ninho, nos escuta, lá da eterna mansão da bemaventurança, saberá que a classe medico-militar portugueza, de que foi devotadissimo amigo, traja lucto, como por um irmão, que, se o não era pela consanguinidade da sciencia, era-o pela affinidade dos affectos, das aspirações, do trabalho.

Adeus! Francisco Antonio das Mercês, amigo de tantos annos. Sentimento, recordações do passado, lembranças do dia de hontem, gratidão e saudade, tudo encerra este derradeiro adeus, que me vem do fundo do coração.

---

## LORD SALISBURY

Um telegramma datado de Londres, de 22 do corrente, transmittiu-nos no seu laconismo, a noticia de que pelas 9 horas da noite o marquez de Salisbury deixara de pertencer ao numero dos vivos.

Perante a lousa uneraria em que acabam de ser encerrados os restos d'esse notavel estadista, nada mais temos a fazer do que curvar-nos reverentes e acatar em religioso respeito as leis immutaveis a que obedece toda a humanidade, esquecendo maguas passadas e offensas soffridas.

Entretanto o que não pode deixar de ser notado é que no mesmo dia em que o altivo lord, que nos vibrou a triste humilhação do *ultimatum*, chegava ao termo da sua carreira na vida, celebravam-se as manobras da esquadra britannica na bahia de Lagos, isto é em aguas portuguezas, com demonstrações da mais cordeal e effusiva amizade entre Portugal e Inglaterra.

Que differença entre a maneira de ver da politica ingleza de hoje comparada com a do gabinete presidido por lord Salisbury em 1890.

*

Robert Arthur Talbot Gascoigne Cecil, 3.º marquez de Salisbury e par de Inglaterra, nasceu a 3 de Fevereiro de 1830, contando á data da sua morte 73 annos e seis mezes de idade. Foi educado em Etou e Christ-Churc, collegio da Universidade de Oxford, sendo pela primeira vez eleito em 1853, membro da camara dos communs pelo burgo de Stanford. Ali se conservou até 1868, militando sempre nas fileiras do partido conservador, até que pela morte de seu pae foi elevado ao pariato em 12 d'abril d'aquelle anno.

Distinguindo-se pelo seu talento oratorio nas discussões mais importantes que então se ventilavam, reclamou o reconhecimento dos Estados do Sul durante a guerra da Successão, combatendo, em 1866, o *bill* de reforma de Gladstone como inopportuno e desnecessario.

Em julho d'esse anno lord Derly escolhia-o para ministro das Indias, porém declinou esse cargo no anno seguinte, para não se associar á apresentação do *Reform-bill* do gabinete Derby-Doraeli.

A queda do gabinete obrigou-o a voltar para a opposição, onde combateu todos os projectos apresentados por Gladstone, em especial o *bill de aforamento* e a abolição da Igreja de Irlanda, assumindo, na camara dos lords, em seguida á morte de Derby, a chefatura do partido conservador.

Ao demittir-se o gabinete Gladstone, em fevereiro de 1874, retomou o logar de ministro da India, n'essa epoca assolada por uma fome terrivel.

Em 20 de novembro de 1876, foi nomeado segundo plenipotenciario da Grã-Bretanha nas conferencias de Constantinopla, e quando romperam as divergencias entre Disrael e Derby, por causa da questão do Oriente, divergencias que obrigaram Derby a abandonar a politica, foi chamado Salisbury á gerencia da pasta dos negocios estrangeiros em 31 de março de 1878.

Em junho d'esse mesmo anno era investido com a ordem da Jarreteira de regresso do Congresso de Berlim, onde fôra representar a Inglaterra como 2.º plenipotenciario.

Em 1880 a victoria do partido liberal nas eleições d'Abril obrigava-o a sair do ministerio com lord Beaconsfield.

Até 1885 conservou-se no poder o gabinete Gladstone, mas os desastres de Majube no Transwaal e de Gardon Pachá no Kartum obrigam-o a demittir-se e Salisbury foi chamado a formar gabinete que se demorou no poder apenas um anno.

Gladstone voltou a formar gabinete em 1886 e conservou-se no poder até 1888, em que os liberaes contrarios ao *home-rule* se separaram do chefe formando o grupo unionista, dirigido successivamente por Hartington e Chamberlain.

Succedeu ao gabinete liberal uma situação conservadora presidida por Salisbury, que se conservou na gerencia dos negocios publicos até 1892.

Foi na gerencia d'este governo que se deu o ultimatum de 11 de janeiro de 1890.

Em 1892 caia o ministerio Salisbury e succedeu-lhe o ultimo ministerio Gladstone que retomou o projecto do *home-rule* o qual passou na camara dos communs, mas não teve a sancção da camara dos Lords.

Em 1895 formou-se um ministerio da colligação conservadora, em que entraram conservadores e unionistas, o ultimo presidido por Salisbury.

Com a subida ao throno de Eduardo VII e a conclusão da guerra do Transwall, lord Salisbury retirou-se da vida politica passando para Balfour a chefia do partido conservador.

Salisbury deu em politica provas de ser homem de muita acção e de poucos amigos, sendo mais inclinado a convencer pela força do que pela razão, que muitas vezes não queria ouvir, pondo os interesses do seu paiz acima de tudo.

Devemos para ser justos accrescentar que, embora a sua politica nos não merecesse sympathias, elle tinha todos os dotes de um estadista eminente e de um notavel parlamentar.

O tempo que lhe sobrava da vida activa na politica, empregava-o no estudo das sciencias naturaes de que era fanatico.

Desde 1870 era chanceller da Universidade de Oxford e cavalleiro da ordem da Jarreteira desde a data a que acima já nos referimos.

LORD SALISBURY

FALLECIDO EM 22 DO CORRENTE